

# ANAIIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

---

HISTÓRIA, MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Edição alusiva ao 30º aniversário da  
Declaração de Quebec, Canadá.  
(1984-2014)

Rio de Janeiro, v. 46, p. 1-283, 2014

# “No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na colecção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas colecções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros

António Forjaz Pacheco Trigueiros\*

Recebido em: 18/12/2014  
Aprovado em: 20/01/2015

## Resumo

Desde a década de 1960 que começaram a aparecer no mercado numismático umas pequenas medalhas de ouro (Ø 12,5 mm), com gravuras alusivas à implantação da República Portuguesa em 1910. O fato do seu autor ter sido o escultor João da Silva, um dos mais notáveis medalhistas portugueses da primeira metade do século XX e autor do ensaio dos cinco escudos de ouro de 1910, fez nascer a falsa ideia de que as pequenas medalhas eram também ensaios para moeda de um escudo-ouro. Na mesma época apareceram cópias da moeda de prata de um escudo da série de 1912-1916, cunhadas em pequenos discos de ouro (Ø 13 mm) e que, apesar de toscas, tiveram artes de serem aceitas por catalogadores e leiloeiros como genuínas provas para moeda de um escudo-ouro, que nunca existiram. Uma dessas falsificações encontra-se na colecção portuguesa do Museu Histórico Nacional, a par de outra fantasia, dos 20 centavos-ouro, bem mais interessante, porque inédita

## Palavras-chave

Falsificações. República Portuguesa. Escudo-ouro 1910. João da Silva. Leiloeira Numisma.

## Abstract

*Since the late 1960s small gold medals (Ø 12.5 mm) with engravings alluding to the birth of the Portuguese Republic in 1910 began to appear on the numismatic market. Their creator was the sculptor João da Silva (1880-1960), one of the most notable Portuguese medalists from the first half of the twentieth century and designer of an essay for a gold 5-Escudos coin of the Republic, of which some trial strikes were made in 1920. This gave birth to the misconception that those small gold medals were also essays for a 1-Escudo gold coin. More or less at the same time, some rough copies of the 1-Escudo coin from the regular 1912-1916 silver series began to appear, struck on small gold discs (Ø 13 mm), which were accepted by cataloguers and auctioneers as genuine trial strikes of a 1-Escudo 1910 gold coin, that never existed. One of these fakes is in the collection of the Museu Historico Nacional, alongside with another fantasy, a gold 20-Centavos, a unique unpublished piece, thus far more interesting one.*

## Keywords

Forgeries. Portugal. Gold 1-Escudo 1910. sculptor João da Silva. Numisma auctions.

A publicação do livro *A Numismática Portuguesa Continental no Museu Histórico Nacional*, veio permitir aos estudiosos um acesso mais íntimo a uma das mais importantes coleções de moedas portuguesas do início do século XX, mantida intacta e transmitida ao conhecimento das gerações futuras, pela visão humanista e generosa do comendador António Pedro de Andrade (Funchal 1839 – Rio de Janeiro 1921).<sup>1</sup>

Um olhar atento sobre este acervo numismático revela, de imediato, algumas das mais raras e apreciadas moedas da série continental portuguesa, em um conjunto que prima pelo sentimento colecionista de abarcar toda a imensa vastidão de oito séculos da história de Portugal, reinado a reinado, época a época, metal a metal, até à instauração da República em outubro de 1910. Tendo o benemérito doador falecido em 1921, é bem possível que as primeiras moedas denominadas em escudos, do regime republicano, também tenham sido por ele colecionadas.

Entre as peças dessa coleção figuram algumas desde há muito consideradas como fantasias, como, por exemplo, a série de reproduções de moedas da dinastia de Avis, feitas na primeira metade do século XVIII e que incluem,

---

\* António Forjaz Pacheco Trigueiros é engenheiro-químico industrial, foi director técnico e comercial da Casa da Moeda de Lisboa e autor de toda a legislação monetária portuguesa publicada desde 1986 até à introdução do Euro. É autor do livro *A Grande História do Escudo Português*, publicado em Lisboa, em 2003, e de uma vasta obra de investigação histórica que cobre os campos da Numismática, da História Monetária, da Notafilia, da Medalhística e da Emblemática portuguesas. A maioria dos seus trabalhos está publicada no editor digital [www.estudosdenumismatica.org](http://www.estudosdenumismatica.org), uma organização sem fins lucrativos por si criada em 2010, como contribuição para o acesso livre e universal ao conhecimento nas ciências e humanidades. [engtrig@netcabo.pt](mailto:engtrig@netcabo.pt)

o escudo de ouro de d. Afonso V (Dulce nº 23, cobre), o português de d. Manuel I (Dulce nº 21, cobre dourado), os portugueses de d. João III (Dulce nºs 36 e 36, cobre dourado) e o pseudoportuguês de Henrique I (Dulce nº 4, cobre), reproduções essas adquiridas no leilão Schulman-Meili de 1910 e devidamente identificadas, como tal, no livro da Dr.<sup>a</sup> Dulce Ludolf.

Existem, no entanto, duas peças anômalas nesse acervo, registradas como “ensaios de ouro” da República Portuguesa (Dulce nºs 1 e 2), que mais não são que falsificações deliberadamente fabricadas com intuito de defraudar colecionadores, o que tem acontecido com demasiada frequência nos últimos 20 anos. A sua descrição e imagens, tal como foram publicadas na p. 208 no livro do MHN, é a que segue, à qual acrescentamos, entre parêntesis, as suas características intrínsecas e o número SIGA do registro patrimonial do Museu Histórico Nacional:

Ensaios de ouro:

1 - REPÚBLICA - PORTUGUESA

Cabeça da República à esquerda.

No exergo, a data 1910.

Rev.: Escudo português laureado.

1 escudo. Ouro. Ensaio .

Alberto Gomes, nº E6.04.

(MHN, N.º SIGA 183016, módulo 13,40-13,55 mm, peso 0,90 g: algarismos “um” da era e do valor em romano “I”)



2 - REPÚBLICA - PORTUGUESA

Cabeça da República à esquerda.

No exergo, a data 1916.

Rev.: Escudo português laureado.

No exergo, o valor 20 CENTAVOS.

20 centavos. Ouro. Ensaio?

Não é mencionada nos catálogos pesquisados.

(MHN, N.º SIGA 183017 , módulo 13,35 – 13,45 mm, peso 0,95 g)



Outras fantasias de pseudoensaios do primeiro escudo-ouro existem em prestigiadas coleções em Portugal, que são, no entanto, bem diferentes

destas, não só porque as suas gravuras são de excelente qualidade, como também, porque ostentam no reverso, a legenda “5 • Outubro / 1910” e portam a assinatura do seu autor, J. da SILVA e a data 1912. Entre os exemplares registrados em coleções e em vendas em leilão, são conhecidos dois tipos diferentes do anverso, em que a figura da República Portuguesa é representada com barrete frígio de perfil à direita, ou sob a forma de uma bela minhota de perfil à esquerda (ver fotos abaixo).



*Esta é a história desses pseudoensaios do escudo-ouro de 1910 da República Portuguesa e a demonstração da sua falsidade.*

## Os desenhos dos primeiros Escudos de prata da República Portuguesa

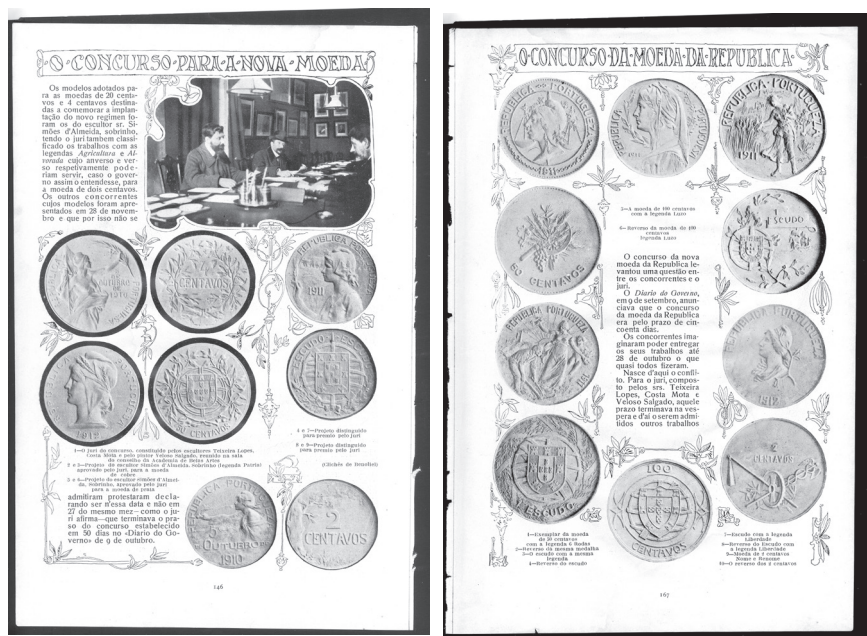
Em 26 de maio de 1911, era publicado, na folha oficial, o decreto fundador do Escudo de Ouro, a nova unidade monetária portuguesa saída da revolução republicana de 5 de outubro de 1910, o qual, no respeitante à nova moeda de ouro, determinou o alinhamento do toque do metal precioso pelo toque adotado desde 1878 pelos países da União Latina e pela Espanha (900 milésimas), reajustando os pesos (e os diâmetros) das moedas do sistema monetário em vigor desde 29 de julho de 1854, de forma a compensar a descida da qualidade da liga com o aumento do peso:

- 10\$00 (anterior 10.000 réis) – peso 18.065 g, dia. 30mm
- 5\$00 (anterior 5.000 réis) – peso 9.0325 g, dia. 24 mm
- 2\$00 (anterior 2.000 réis) – peso 3.613 g, dia. 19 mm
- 1\$00 (anterior 1.000 réis) – peso 1.8065 g, dia. 15 mm.

Além dos vários articulados definidores das características e dos volumes de amoeção das novas moedas de ouro, de prata e de bronze, figurava a determinação de que os modelos e gravuras para as suas faces fossem selecionados por concurso público, entre artistas nacionais. Os modelos para as moedas de ouro deveriam ser distintos dos modelos para as moedas de

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros

prata e, no caso das novas moedas divisionárias de bronze então previstas (1/2 centavo, 1 centavo, 2 e 4 centavos), as primeiras amoedações de cada espécie teriam, também, uma ornamentação diferente das restantes, em comemoração à proclamação da República no dia 5 de outubro de 1910.



Páginas da Ilustração Portuguesa, de 29 de Janeiro e 5 de Fevereiro de 1912, com os modelos premiados (à esq.) e eliminados (à dir.)

Em 27 de junho de 1911 foi publicado o concurso para os modelos dos diferentes tipos das novas moedas, que acabaria por ser anulado, por só ter aparecido um concorrente. Um segundo concurso foi aberto em 9 de outubro por um espaço de 50 dias, mas agora restrito aos modelos para as moedas de prata e de bronze (nas versões corrente e comemorativa), no total de três modelos de anverso (legenda República Portuguesa) e três modelos de reverso, que deviam ser entregues na Academia de Belas-Artes de Lisboa.<sup>2</sup>

Para o reverso da moeda de prata, o programa obrigava à representação do “escudo nacional e a designação do valor”, tendo a Casa da Moeda esclarecido os concorrentes, que o escudo nacional era o que constava no *Álbum da Bandeira Nacional*.<sup>3</sup> Para o júri desse concurso foram indicados, José Veloso Salgado (pelo Conselho de Arte e Arqueologia), Antóni Augusto da

Costa Motta (pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa) e António Teixeira Lopes (pela Academia Portuense de Belas Artes).



*Modelos com a divisa “Luzo”, de João da Silva, eliminados no concurso de 1912, mais tarde cunhados como medalhas (Minhota / Escudo de Avis)*

Depois de algumas peripécias sobre a aceitação ou não de um grupo de concorrentes, que teriam entregue os seus modelos fora do prazo, e que levaria à intervenção do ministro das Finanças, Sidónio Pais,<sup>4</sup> o júri finalmente deliberou, em 5 de abril de 1912:

1º Prémio, moeda de prata – modelos com a divisa “Pátria”, anverso e reverso, do escultor Simões de Almeida (Sobrinho);

1º Prémio, moeda de bronze comemorativa da República – modelos com a divisa “Pátria”, anverso e reverso, do mesmo artista;

1º Prémio, moeda de bronze corrente – modelo do anverso com a divisa “Agricultura”, e modelo do reverso com a divisa “Alvorada”, ambos do escultor Francisco Santos;

2º Prémio, moeda de bronze corrente – modelo do anverso com a divisa “Alvorada”, e modelo do reverso com a divisa “Agricultura”, do mesmo artista.

Pelo pagamento destes prémios aos artistas, os modelos passaram a ser propriedade da Casa da Moeda, onde ainda hoje se encontram arquivados.<sup>5</sup>

As fotografias dos quatro grupos dos modelos premiados foram publicadas nas revistas *Ilustração Portuguesa*, de 29 de janeiro, e *O Occidente*, de 20 de fevereiro de 1912. As fotografias dos restantes grupos de modelos

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros



concorrentes, não classificados pelo júri, foram reveladas na edição de 5 de fevereiro da *Ilustração Portuguesa*.



Entre esses últimos modelos não aprovados pelo júri, figura o modelo com a divisa “*Luzo*”, para moeda de 100 centavos, da autoria do escultor João da Silva, onde aparece a tal figura da República Portuguesa revestida

de minhota: no anverso, um busto feminino de perfil à esquerda, com o tradicional lenço minhoto atado na cabeça e arrecadas na orelha, circundado por uma coroa de oliveira e louro, tendo em baixo a era 1911; no reverso, o escudo nacional assentado na esfera armilar ao centro do campo, evidenciando os escudetes laterais das quinas virados para dentro, tendo na orla superior e inferior o valor 100 / Centavos.

## De modelos para moeda de prata, a ensaios do escudo-ouro

Terá sido por este pormenor de desrespeito pelas regras heráldicas do desenho do Escudo da República, que o seu autor foi desqualificado neste concurso (desde a reforma heráldica de 1485, no reinado de d. João II, que os escudetes laterais do escudo das quinas estão viradas para baixo). E será precisamente deste seu modelo em gesso, não aprovado em janeiro de 1912 para as primeiras moedas de prata da República, que João da Silva irá gravar umas pequenas medalhas comemorativas do 5 de outubro de 1910, com 12,5 mm de diâmetro, em estanho, chumbo e alumínio, com as gravuras ligeiramente modificadas e sem indicação do valor facial:

Anverso 1 (Minhota): República Portuguesa, nas orlas laterais. Ao centro, o busto de uma minhota, de perfil à esq., com lenço sobre a cabeça e arrecadas na orelha, tendo em baixo, em duas linhas, a assinatura J. da SILVA e a era 1912, em relevo.

Reverso 1 (Escudo de Avis): Ao centro, o escudo das Armas nacionais, no formato característico da dinastia de Avis, com o chefe do escudo suíço, e os escudetes das quinas laterais virados para dentro, assente na esfera armilar, ladeado por ornatos e orlado em cima pela legenda 5 • OUTUBRO e, em baixo, pela data 1910.

Na mesma ocasião, João da Silva assinou e datou outras medalhas semelhantes, em que a figura da minhota foi substituída por uma figura simbólica da República, representada à maneira jacobina, com o barrete frígio. Dessa nova versão são conhecidos dois reversos diferentes:

Anverso 2 (Barrete frígio): República \*\* / \*\*\* Portuguesa, na orla, entre cercaduras lisas. Ao centro, um busto feminino à dir., com barrete frígio, interrompendo

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros

a legenda na orla superior, tendo no campo a inscrição, em duas linhas ANNO / MCMX. No exergo, em duas linhas, a assinatura J. da SILVA e a data 1912.

Reverso 1 (Escudo de Avis): 5 • OUTUBRO / 1910, tal como no anterior.

Reverso 2 (Escudo Arte Deco): Na metade superior do campo, o escudo das Armas nacionais, com o escudo das quinas num formato hexagonal ao estilo da Arte Deco, com os escudetes das quinas laterais virados para dentro, assente na esfera armilar, com a legenda 5 / OUTUBRO / 1910 em três linhas na metade inferior do campo, sendo o conjunto ladeado por duas palmas verticais, de oliveira e de carvalho.



Os dois  
anversos e reversos  
das medalhas  
comemorativas do 5  
de Outubro de 1910,  
cunhadas em 1912  
e assinadas por  
João da Silva



Os exemplares cunhados com as combinações possíveis dos dois tipos de anverso e do reverso, são os seguintes (ver fotos acima):

1-Medalha “Minhota/Escudo de Avis” – ouro, diâmetro 12,5 mm, peso. desconhecido (A. Gomes E6.01; leilão Numisma n.º 52, Lisboa, Junho de 2002, lote 232; -- um exemplar na colecção do Banco Espírito Santo-Carlos Marques da Costa); --um exemplar de

estanho, piefort, diâmetro 12,5 mm, peso 2,33 g (A. Gomes E6.02; leilão Almoedas Numismáticas, Lisboa, Abril de 1982, lote 293A)

2-Medalha “Minhota/Escudo Arte Deco” – ouro, diâmetro 12,5 mm, peso desconhecido (A. Gomes n.º E6.03)

3-Medalha “Barrete frígio/Escudo de Avis” – ouro, diâmetro 12,5 mm, peso 1,12 g (A. Gomes falta; -- um exemplar no leilão Almoedas Numismáticas, Lisboa, Abril de 1982, lote 292);

4-Medalha “Barrete frígio/Escudo Arte Deco” – ouro, diâmetro 8,2 mm, peso 0,44 g (A. Gomes falta; um exemplar no leilão Almoedas Numismáticas, Lisboa, Abril de 1982, lote 293).

A estas peças fazem referência outros autores que estudaram a obra do escultor. Em 1975, Marques Pinto apresentou no último número da revista *A Medalha*, a lista das medalhas da autoria de João da Silva, onde constam as seguintes referências:

1910 – República Portuguesa (com barrete frígio-I): metal, dia. 25 mm;

1912 – República Portuguesa (com barrete frígio-II): metal, dia. 25 mm;

1912 – República Portuguesa (minhota): alumínio, dia. 8 mm.<sup>6</sup>

Anos volvidos, Mário Correia de Sousa e Artur Santa Bárbara dão corpo ao catálogo das medalhas de João da Silva, onde vêm fotografados os modelos acima referenciados, com exceção do reverso tipo Escudo de Avis.<sup>7</sup>

João da Silva residiu em Paris até 1932 e só então regressou definitivamente a Lisboa. Nesse ano tiveram início os trabalhos preparatórios para a cunhagem da nova série dos escudos de prata do Estado Novo, cujos modelos premiados em concurso no ano anterior eram da sua autoria, pelo que a presença do autor era constantemente requerida pelos gravadores da Casa da Moeda. Desde então e até 1957, os registos do mercado leiloeiro colecionista não documentam o aparecimento de “ensaios da moeda de 1 escudo-ouro de 1910”, em qualquer metal, nem de medalhas de João da Silva de ouro comemorativas do “5 de Outubro de 1910”.<sup>8</sup>

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros

É só a partir do final da década de 1960, já depois da morte do escultor,<sup>9</sup> que aparecem, pela primeira vez, as medalhas de ouro da República Portuguesa, na versão da minhota e do barrete frígio, as quais, apesar de não terem qualquer indicação de valor facial, rapidamente são postas em circulação como “ensaios do escudo de ouro comemorativo do 5 de Outubro de 1910”, primeiro passo para serem promovidas e catalogadas como “ensaios de 1 escudo ouro de 1910”.

A simples observação de que os cunhos destas medalhinhas, em depósito na Casa-Museu João da Silva, estavam sendo utilizados particularmente para fins mercantis, tal como aconteceu com tantas outras medalhas do mestre, vendidas no mercado colecionista, sem indicação de que se tratavam de recunhagens póstumas, deveria ter sido motivo para se refutar qualquer intenção de as fazer passar por provas monetárias ou ensaios de cunho para moeda da República. Pois se o fossem, então os modelos originais, as matrizes e os cunhos seriam forçosamente propriedade da Casa da Moeda de Lisboa, e a sua reprodução rigorosamente controlada.

Foi precisamente isso o que aconteceu em 1920 e em 1923, quando se tiraram provas de uma projetada moeda de 5 escudos-ouro da República Portuguesa, cujas gravuras são da autoria do escultor João da Silva, vencedor do concurso de 1913.

## O concurso para a moeda de ouro da República Portuguesa

Terminados os trabalhos de gravura dos punções, matrizes e cunhos para os escudos de prata da República Portuguesa, cujos primeiros exemplares foram cunhados em 11 de agosto de 1912 (50 centavos) e em 31 de maio de 1913 (20 centavos), a Casa da Moeda deu início ao processo de seleção, por concurso público, dos modelos das faces das novas moedas de ouro, cujo programa foi publicado no *Diário do Governo*, nº 198, de 25 de agosto de 1913.

Para o anverso das moedas, o programa obrigava à representação de uma composição ou figura simbólica com a legenda República Portuguesa e a era da cunhagem em algarismos; para o reverso, a representação do escudo nacional e a designação do valor. Os modelos premiados ficariam pertencendo à Casa da Moeda e seriam expostos no seu Museu.

Para o júri deste segundo concurso foram indicados Columbano Bordalo Pinheiro (pelo Conselho de Arte e Arqueologia), António Augusto da Costa Motta (pela Sociedade Nacional de Belas Artes) e José de Brito (pela Escola de Belas Artes do Porto), que se reuniram em 5 de dezembro na Academia de Belas Artes, para apreciar os quatro modelos concorrentes.

Da ata deste júri ficou atribuído o 1º prêmio aos modelos do anverso e reverso com a divisa “*Fortuna pelo Trabalho*”, do escultor João da Silva, e o 2º prêmio ao anverso do modelo “*Respigadora*” (figura), do escultor Francisco dos Santos, e ao reverso do modelo “*Ditosa Pátria*” (10 escudos), do escultor Simões de Almeida (Sobrinho). A fotografia do modelo vencedor foi publicada na *Ilustração Portuguesa*, nº 409 de 22 de dezembro: no anverso tinha a era de 1913 e, no reverso, o valor de 10 escudos.

Os modelos premiados deram entrada na Casa da Moeda em 4 de fevereiro de 1914 e, tal como sucedeu com os modelos das faces das moedas de prata, também estes tiveram sorte diferente: a figura da “*Respigadora*” (anverso), de Francisco Santos, cairia no esquecimento, o modelo original em gesso repousa nos arquivos;<sup>10</sup> o reverso do modelo “*Ditosa Pátria*”, com o valor de 10 escudos marcado, de Simões de Almeida Sobrinho, acabaria por ser utilizado nesse mesmo ano de 1914, na amodação comemorativa do dia 5 de outubro de 1910 (um escudo de prata), tendo como anverso o modelo da “*Alvorada*” republicana, do escultor Francisco dos Santos, 2º prêmio no concurso para a moeda de bronze; e os modelos vencedores de João da Silva tiveram uma história atribulada e recambolada, que terminaria em 1924, quando o projeto de cunhagem daquela que seria a primeira moeda de ouro da República Portuguesa foi abandonado.<sup>11</sup>

Em março de 1914, os modelos de João da Silva são enviados para a sua residência em Paris, para alguns acabamentos considerados indispensáveis à boa execução da cunhagem e para a alteração do valor facial para cinco escudos. O estado de guerra na Europa iria alterar profundamente as condições econômicas vigentes, provocando o abandono do padrão-ouro pela maioria dos países, além de ter criado dificuldades nas comunicações entre a França e Portugal. Em Paris, João da Silva executa novos gessos para a sua moeda de cinco escudos, com era a de 1916, modelando inteiramente de novo a figura feminina da Fortuna (anverso) e as armas nacionais (reverso), em um requintado e rigoroso estilo artístico de transição entre a Arte Nova

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros



e a Arte Deco, acrescentando cercaduras de meias pérolas separadas por traços que não existiam nos modelos originais premiados.

## As provas dos cinco escudos-ouro de 1920

Em 1920, os novos gessos dão entrada na Casa da Moeda e são gravados no metal pelo chefe da oficina de gravura numismática, Domingo Alves do Rego, que nos deixou um testemunho escrito, onde relata alguns pormenores de grande importância para a história desta malograda moeda de ouro:



*As três versões de uma malograda moeda de ouro:*

*em cima, os modelos originais de João da Silva, com a era de 1913 premiados no concurso; ao centro, os novos modelos feitos em Paris, com a era de 1916 e que figuraram na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922; em baixo, uma prova de ouro cunhada em 1923, com os cunhos abertos em 1920 por Alves do Rego, que o escultor João da Silva não aprovou*

Sobre a gravura, de matrizes, punções e cunhos destinados à moeda de ouro da República, segundo os modelos do cinzelador ourives Snr. João da Silva, tenho a informar V. Exa. o seguinte:

Recebi efectivamente ordem do Snr. Administrador Geral, então o Snr. Lucio de Azevedo, para gravar os ditos cunhos, punções etc., trabalho a que dei execução imediata; mas tendo notado que, certos pontos destes modelos, como por exemplo, no anverso, a cornucopia, a roda da fortuna e outros que ornaram a figura; no reverso, o raiado do escudo, a folhagem que ladeia o mesmo, as quinas, sem o raiado indicando azul como manda o preceito nobiliarquico, os besantes (dinheiros) etc., tudo isto sem vida, com detalhe mal definido, muito apagado, faltas estas condenáveis em moedas destinadas à circulação, por se gastarem e arrastarem facilmente com o uso; procurei eu definir e dar mais vigor a estes detalhes – no meu trabalho de reprodução no aço – a todos estes pontos, que julguei necessário e assim fiz cunhos e cunhei provas.

Viu o Snr. João da Silva estas provas que não gostou, por não concordar com os detalhes que fiz – na minha reprodução em aço, deixando livre os modelos – assim como disse desejar que as moedas ficassem com a borda mais estreita.

Estava no seu direito o Snr. Silva, em não gostar (o que não me causou surpresa), assim como eu estou no meu direito – e justifico-o – de não gostar ou concordar com o seu trabalho tal como o apresenta e deseja que seja executado[...].<sup>12</sup>

E tanto não gostou que boicotou, literalmente, a continuação dos trabalhos de gravação dos cunhos desta moeda, cujo projeto de amoedação seria definitivamente abandonado em finais de 1924.

Dessas provas ou ensaios dos cunhos gravados por Alves do Rego são conhecidos exemplares de cuproníquel, latão, cobre e cobre dourado, com era a de 1920. A mesma era figura ainda nos três únicos exemplares de ouro conhecidos, muito provavelmente cunhados em 1923, por ocasião da visita à Casa da Moeda do Presidente da República, António José de Almeida. Destes, o que evidencia melhor estado de conservação foi recunhado sobre uma moeda de 5.000 réis de ouro de d. Luís I (peso 8.87 g e toque 916.6/1000, da lei de 1854, mas com diâmetro de 24 mm, do decreto de 1911), sendo

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros



visíveis alguns algarismos da era (188.) junto ao bordo do lado direito da cabeça da figura da Fortuna.

Essa evidência numismática comprova que, em 1923, ainda não havia discos de ouro preparados para uma amoedação regular dos cinco escudos, e justifica o fato de não existirem registros oficiais da sua cunhagem, pois as moedas utilizadas nessa operação de recunhagem teriam sido oferecidas e não eram propriedade da Casa da Moeda.

Talvez seja esse o exemplar oferecido ao Presidente da República, como recordação da sua visita, conforme consta em um documento do arquivo histórico da Casa da Moeda, e que seria depois por ele oferecido ao seu médico particular, tendo aparecido à venda em uma ourivesaria da rua do Ouro em Lisboa, no início dos anos quarenta. O mesmo exemplar, ou outro semelhante, será, pela primeira vez, leiloado em Lisboa em outubro de 1950.<sup>13</sup>

Será desta genuína prova de cunho para moeda de ouro de cinco escudos, com era a de 1920, da autoria de João da Silva, que nasce o mito propalado por uma infeliz e pouco esclarecida afirmação de Batalha Reis, de que a outra medalhinha de ouro, a tal com a figura da minhota do mesmo autor, seria também um ensaio, raríssimo, para moeda de um escudo de ouro.

## O nascimento de um mito numismático: a Minhota, no escudo-ouro de 1910

Para quem não saiba, a história deste mito numismático tem muitos anos, remonta a 1956 e ao tempo da publicação da conhecida obra de Pedro Batalha Reis, *Cartilha de Numismática Portuguesa*, onde essa peça aparece fotografada e descrita como sendo um “Ensaio do Escudo de ouro comemorativo do 5 de Outubro de 1910”, então ainda não de ouro, mas de estanho, com uma nota ao pé da página que esclarece que, “tanto os cinco escudos [de 1920] como o ensaio do escudo de ouro [de 1910] são da autoria do Escultor e Medalhista João da Silva”.<sup>14</sup>

De fato, as esculturas dessas duas peças são da autoria desse conhecido escultor luso, falecido em 1960, mas as duas peças diferem substantiva e substancialmente uma da outra no seu carácter: enquanto a primeira foi uma genuína prova cunhada pela Casa da Moeda para uma moeda de cinco escudos de ouro que nunca chegaria a ser emitida, a segunda, o tal ensaio do

escudo de ouro de 1910 com a figura de uma Minhota, mas não é que uma pequena medalha sem qualquer significado ou valor numismático, mandada cunhar pelo seu autor com base nos modelos de gesso que apresentou ao concurso para as primeiras moedas de prata da República, onde saiu derrotado.

## Da responsabilidade dos autores de catálogos e dos leiloeiros

Daquela infeliz afirmação de Batalha Reis, ditada certamente mais pela vontade de produzir um texto laudatório do velho mestre, ainda vivo, do que se cingir à verdade documental e histórica, nasce o mito de um ensaio, tão raro e tão verdadeiro, que em 1979 seria formalmente entronizado como genuína prova de cunho, no primeiro catálogo publicado por Alberto Gomes, nunca mais deixando de ser considerado como tal, nas edições posteriores desse importante catálogo das moedas portuguesas, e nas edições póstumas feitas em seu nome,<sup>15</sup> acabando também, por aparecerem como ensaios nos catálogos internacionais, como o *Standard Catalogue of World Coins*, da editora Krause (com os números KM#210 a 212), emprestando, assim, uma cobertura de genuinidade às várias peças vendidas em leilão, por elevados preços nos últimos vinte anos.<sup>16</sup>



O escudo de prata da série corrente de 1915-16, e as suas falsas imitações, travestidos de ouro: ao centro, dos leilões Numisma - I romano; à dir., do leilão Baldwin - 1 árabe



A par da fantasia da minhota comemorativa do dia 5 de outubro de 1910, Alberto Gomes catalogou outro suposto ensaio da moeda de um escudo de ouro, com as referências E6.04 e E6.04a, cujas gravuras, toscas e grotescas,

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros

mas não são que meras cópias das gravuras de Simões de Almeida (Sobrinho) para as moedas de um Escudo de prata da primeira República.

Dos exemplares conhecidos e pesados, verifica-se que têm um peso de 0.90 a 1.10g de ouro, ou seja, cerca de metade do peso legal de 1,8065g, estabelecido para o escudo-ouro. Bastaria este pormenor, em flagrante oposição à lei de maio de 1911, para fazer desconfiar da bondade desse suposto ensaio, uma notória falsificação que continua sendo catalogada como genuína, na última edição do catálogo das *Moedas Portuguesas*, da responsabilidade da Associação Numismática de Portugal.

## Os pseudoensaios do Museu Histórico Nacional

Podemos agora voltar a olhar para a colecção portuguesa do Museu Histórico Nacional. Do pseudoensaio nº 1, com o peso de 0,90g e os algarismos “um” da era e do valor em romano “I”, são conhecidos outros exemplares iguais em grandes colecções portuguesas, como a colecção da Lusitania Seguros (ex-leilão Numisma nº 54, Lisboa, novembro de 2002, lote 425), entre os vários leiloados em Lisboa entre 1991 e 2011 (leilão Numisma de 12 de abril de 1991, lote 291; leilão Numisma nº 90, Lisboa, dezembro de 2011, lote 416. A indicação do peso foi sempre omitida nestes catálogos).



*Uma falsificação inédita, 20 centavos-ouro de 1916, que de tão óbvia não terá passado da fase de “ensaio” (Colecção do MHN)*

Mais recentemente, apareceu à venda em um leilão em Londres, uma curiosa variante desta falsificação, caracterizada por uma gravura ainda mais tosca e por ter os algarismos “um” da era e do valor em árabe “1” (leilão Baldwin, Londres, maio 2013, lote 2921: peso 1,05 g; outro exemplar muito danificado apareceu também faz pouco em leilão no eBay).<sup>17</sup>

Do pseudoensaio nº 2 da colecção do MHN, com o valor de 20 centavos de escudo e a era de 1916, não são conhecidos outros exemplares e pouco mais haveria a dizer, tão gritante é a má qualidade das suas gravuras.

A era de 1916 só encontra paralelo na última cunhagem dos genuínos 20 centavos de prata, que esta falsificação copiou, utilizando as mesmas chapas de ouro da anterior, neste caso com o peso de 0,95g, que seria, no mínimo, correspondente a de 50 centavos ou meio escudo, mas nunca a 20 centavos.

Mais uma fantasia, mas como peça única que é, será uma fantasia mais interessante que as anteriores, que deve ser bem conservada, para servir de exemplo e de lição para as gerações futuras.

Lisboa, 30 de abril de 2013.

*LEGENDAS FOTOS nas páginas da paginação:*

*Pag 3 e 4 – sem legendas*

5

*Páginas da Ilustração Portuguesa, de 29 de Janeiro e 5 de Fevereiro de 1912, com os modelos premiados (à esq.) e eliminados (à dir.).*

6

*Modelos com a divisa “Luço”, de João da Silva, eliminados no concurso de 1912, mais tarde cunhados como medalhas (Minhota / Escudo de Avis).*

7

*1º Prêmio, moeda de bronze comemorativa da República, anverso e reverso, do escultor Simões de Almeida (Sobrinho).*

*1º Prêmio, moeda de prata, anverso e reverso, do escultor Simões de Almeida (Sobrinho).*

*1º Prêmio, moeda de bronze corrente, anverso (à esq.), do escultor Francisco Santos.*

*1º Prêmio, moeda de bronze corrente, reverso (à dir.);*

*2º prêmio, anverso (à esq.), do escultor Francisco Santos.*

9

*Os dois anversos e reversos das medalhas comemorativas do 5 de outubro de 1910, cunhadas em 1912 e assinadas por João da Silva.*

13

*As três versões de uma malograda moeda de ouro:*

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros

em cima, os modelos originais de João da Silva, com era a de 1913 premiados no concurso; ao centro, os novos modelos feitos em Paris, com era a de 1916 e que figuraram na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922; em baixo, uma prova de ouro cunhada em 1923, com os cunhos abertos em 1920 por Alves do Rego, que o escultor João da Silva não aprovou.

17

O escudo de prata da série corrente de 1915-16, e as suas falsas imitações, travestidos de ouro:

ao centro, dos leilões Numisma - I romano;

à dir., do leilão Baldwin - 1 árabe

18

Uma falsificação inédita, 20 centavos-ouro de 1916, que de tão óbvia não terá passado da fase de “ensaio” (Colecção do MHN).

## NOTAS

1. LUDORF, Dulce Cardozo. *A Numismática Portuguesa Continental no Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007. Passaremos a designar por “Dulce n.º...”, as referências às moedas catalogadas nesse livro.
2. DIÁRIO do Governo, n.º 235, de 9 de outubro de 1911.
3. Bandeira Nacional – Modelo aprovado pelo Governo Provisório da Republica Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1910 (sob a coordenação de Columbano).
4. Presidente da República em 1917, seria assassinado em 1918. Toda a história destes concursos para a seleção dos modelos para as novas moedas republicanas, de prata, ouro e bronze, bem como, as referências às fontes documentais consultadas, encontra-se no nosso livro *A Grande História do Escudo Português* (Lisboa: col. Philae, 2003, p.59-109).
5. Catálogo Geral de modelos, punções, matrizes, cunhos, galvanos e clichés, que serviram ao fabrico de moedas, medalhas, títulos, valores selados, fórmulas de franquia e outros trabalhos. Lisboa: Casa da Moeda, 1960, p. 379-383. Neste catálogo figuram todos os modelos premiados nos concursos para moeda portuguesa, bem como, as peças metálicas utilizadas na malograda amoedação dos 5\$00 ouro de 1920, mas nada existe que diga respeito a uma suposta cunhagem, mesmo que experimental, de moedas de um escudo de ouro que, a ter existido, nele deveria também constar.
6. PINTO, A. Marques. *João da Silva*. A Medalha. Porto, n.º 40, p. 7, outubro de 1975.
7. SOUSA, Mário Correia de; BÁRBARA, Artur Santa. *Medalhas de João da Silva*. Lisboa: ed. Gravarte, 1993.
8. O mais importante registro de leilões de moedas efetuados em Portugal, entre 1948 e 1957, encontra-se nas páginas de *A Moeda*, publicação numismática da Casa A. Molder. Durante essa década não foi vendida nenhuma medalha ou pseudoensaio de moeda de um escudo-ouro, de João da Silva.
9. João da Silva (1880-1960), foi um dos mais notáveis escultores e medalhistas portugueses da primeira metade do século XX. Estudou na Escola Superior de Belas Artes de Paris e de Genebra,

nos cursos de Medalhística, de Ourives-Gravador e de Escultura, sempre com as mais altas classificações. Da sua obra escultórica destacam-se diversos monumentos aos mortos da Grande Guerra (França – 1919; Évora – 1933; Valença do Minho – 1951), os monumentos evocativos a Júlio Dinis (Porto – 1926), a Augusto Gil (Guarda – 1935) e ao Barão do Rio Branco (Rio de Janeiro, Palácio de Itamarati). Foi autor de uma vasta obra medalhística, muito apreciada pelos coleccionadores e de que existe um catálogo editado pela firma gravadora Gravarte em 1993.

10. *Catálogo Geral dos Cunhos...*p. 382, nºs 29 e 30.
11. Veja-se o nosso livro já citado, *A Grande História do Escudo Português*, p. 103-109.
12. “Do chefe dos Serviços de Gravura ao Administrador da Casa da Moeda”, informação de 16 de setembro de 1924. O texto integral foi publicado no nosso artigo *No Centenário do Escudo - Parte III: O primeiro ouro da República*. Revista Portuguesa de Numismática, Medalhística e Notafilia. Lisboa, vol. 36, n.º 4, p. 163-176, dezembro de 2011.
13. A MOEDA. Lisboa: Casa A Molder, leilão nº 56, lote 190, outubro de 1950.
14. REIS, Pedro Batalha. *Cartilha de Numismática Portuguesa*. Lisboa: 1956, vol. II, p. 168, estampa 111.
15. GOMES, Alberto. Catálogo das Moedas Portuguesas – Séculos XIX e XX. Lisboa: ed. do autor, 1979, p. 156 (ensaios E 201 a E 203). Moedas Portuguesas – IV Dinastia – República, 1640-1990. Lisboa: ed. do autor, p. 200 (ensaios E6.01 a E6.04a). Moedas Portuguesas e do território português antes da fundação da nacionalidade. Lisboa: ed. do autor, 1996, p. 423 (ensaios E6.01 a E6.04 a). Depois da morte do autor, em 1999, a edição deste catálogo passou para a responsabilidade da Associação Numismática de Portugal.
16. Estas falsificações de um pseudoensaio do escudo-ouro de 1910 foram vendidas nos últimos vinte anos através da leiloeira Numisma, de Lisboa, sempre a coberto da credibilidade dos catálogos de A. Gomes.
17. Disponível em: <[http://www.ebay.com/itm/1910-PORTUGAL-GOLD-1-ESCUDO-TRIAL-STRIKE-ENSAIO-MONETARIO-VERY-RARE-MUST-SEE-/221216231930?pt=US\\_World\\_Coins&hash=item338183d1fa](http://www.ebay.com/itm/1910-PORTUGAL-GOLD-1-ESCUDO-TRIAL-STRIKE-ENSAIO-MONETARIO-VERY-RARE-MUST-SEE-/221216231930?pt=US_World_Coins&hash=item338183d1fa)>. Acesso em: 27 abril 2013.

“No melhor pano cai a nódoa”: os falsos ensaios do escudo-ouro de 1910 na coleção portuguesa do Museu Histórico Nacional e nas coleções do Banco Espírito Santo e da Lusitania Seguros